

QUE LÍNGUA É ENSINADA NO INTERIOR DA SALA DE AULA NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL?

Vanderley José De Oliveira

Eixo 2 - Projetos e práticas de formação continuada
- Relato de Pesquisa - Apresentação Oral

O presente artigo aborda o ensino de Língua Portuguesa nos anos finais do Ensino Fundamental de forma questionadora; com o objetivo de discutir a formação continuada no processo de ensino da língua materna nos anos finais do Ensino Fundamental. Pois na atualidade visualiza-se no interior da sala de aula o reflexo de uma aula de língua materna ainda pautada na normatização e nos ensinamentos efetuados pelos jesuítas a mais de 500 anos quando catequizavam os nativos. O processo de formação dos professores nas universidades tendem a inculcar conceitos, não motivos, regras, não possibilidades. Daí a necessidade de um trabalho voltado à formação continuada dos docentes quanto à prática cotidiana nas aulas de língua materna. Explicita-se que as reflexões contidas neste artigo estão relacionados à formação continuada dos docentes da disciplina de Língua Portuguesa nos anos finais do Ensino Fundamental, uma vez que são os direcionadores do trabalho com a palavra. O estudo, além de explicitar as dificuldades quanto o ensino da língua materna também propõem uma mudança metodológica da prática docente, destes que são os instigadores e aguçadores do letramento escolar. O método do estudo foi o da pesquisa bibliográfica; visto que o campo da literatura relacionada à linha da linguagem é vasto. Palavras-chave: Texto; Linguagem e letramento; Formação de professores.

QUE LÍNGUA É ENSINADA NO INTERIOR DA SALA DE AULA NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL?

Vanderley José de Oliveira, PUC, Goⁱ

INTRODUÇÃO

Na sociedade atual nunca se falou tanto do papel do professor e de sua importância na escolarização de crianças e jovens. Esta reflexão pedagógica objetiva discutir a formação continuada no processo de ensino da língua materna nos anos finais do Ensino Fundamental analisando a prática pedagógica dos professores de Língua Portuguesa do 6º ao 9º ano, dos anos finais do Ensino Fundamental quanto à metodologia de ensino de língua materna praticada em sala de aula; além de estudar via teorias às influências positivas e negativas que a prática docente interfere no processo de letramento do educando.

Ao longo dos anos suscita-se e debate no meio acadêmico a questão: ensinar ou não gramática? Linguistas, sociolinguistas têm se reunido em torno dessa discussão, criou-se uma rica contribuição para o professor de língua. Contudo, não se chegou ainda ao cerne da questão ou não se chegou ao fim dela. Questionamentos voltados a essa realidade são importantes para que os caminhos mudem: Qual o objetivo do ensino da língua na escola? Como o educador dessa língua vislumbra a sua própria língua e que língua ele fala? E o primordial para ser um líder da linguagem dentro do espaço escolar, será que o professor reconhece-se como um agente de letramento?

Pautando em tais questionamentos e sob a ótica da sociolinguística, que contribuição essa trouxe ou traz para esse educador que inconscientemente “fala” uma língua e “ensina” outra? Esse educador tem essa percepção? Reconhece-se como um agente de letramento? Para responder à problematização proposta nesse estudo é necessário a análise da formação dos educadores da língua materna como agente de letramento. Para tanto, este estudo, partiu-se inicialmente do aprofundamento bibliográfico, o qual facilitou a análise pretendida no que se refere ao ensino da língua materna e como o formador dessa língua ensina e para quem ensina. Esta etapa teve por base, a análise de estudos feitos por vários indagadores da língua. Os principais referenciais teóricos: BAGNO (2005), ANTUNES (2007), SILVA (2004), SOARES (2006), dentre outros.

Segundo Silva (2004) o ensino de língua materna é um trabalho de criação e não uma obrigação mecânica que se repete a cada aula que se dá. No que se refere ao ensino de língua materna, quotidianamente desaprendendo-a, pois é corriqueiro ouvir:

“não sei português”, “não sei falar português” “português é muito difícil”. Então o que se ensina em sala de aula? Mesmo que alguns profissionais da área procurem ensinar de forma que o discurso e a interação linguística aconteçam, ainda há uma grande maioria que está acomodada em relação às mudanças diárias que acontecem com a língua. Inúmeros, como os mesmos livros de outrora e o pior, com a mesma ideologia.

Corroborando a referida autora João Wanderley Geraldi (1982) levanta um questionamento que aqui o reitera-se: qual o objetivo de uma matéria ao ensinar a seus alunos a língua a qual ele usa desde a mais tenra infância? Ele aprende a falar usando o português, neste caso sua língua materna. Então como justificar que no decorrer de 11 anos de escolaridade básica esse aluno passa diuturnamente aprendendo a “sua” língua? A língua de um povo é produzida socialmente, sem regras, com o objetivo de interação entre seus pares, a gramática de um país é construída por especialistas, com o objetivo de ordenar, impor regras, na escrita, da língua desse povo. Em relação à temática, no livro “Preconceito lingüístico”, Marcos Bagno (1999) defende e explicita a idéia de que todo e qualquer brasileiro, seja qual for sua origem social, tenha o direito nos bancos escolares de ler os melhores escritores, entender o que diz o telejornal das oito horas, tirar todo o proveito das modernas tecnologias, escrever o que lhe der na telha, ter acesso a línguas estrangeiras e por aí vai.

Esse objetivo por uma aula mais viva é o grande desafio da educação brasileira na atualidade. Pois, nas aulas de língua materna do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, bem como em qualquer ano/série da Educação Básica, visualiza-se que os educadores têm dificuldades de fazer uso da língua padrão, no entanto, a exigem dos educandos, colocando em prática o antigo ditado popular o qual diz “faça o que eu falo, mas não o que faço”. Em contrapartida, ao fim de aulas cansativas, sobre conceitos de substantivos, flexões verbais percebe-se que o discípulo não se apropriou desses conceitos e o mais grave não sabe fazer uso contextualizado dos diversos gêneros textuais, nas mais diversas situações de interações sócio-comunicativas; pois o docente não consegue perceber a importância desses na vida do discente, deixando-o à margem do processo de letramento, às vezes fazendo dessa prática a única forma de passar algo a seus alunos, pois suas metodologias são pautadas em modelos educacionais normativos e tradicionais.

Desta forma, não só anos finais do Ensino Fundamental, mas a Educação Básica e porque não Superior terá alunos provindos de um processo de letramento, insuficiente, para que atenda as habilidades básicas de leitura e compreensão textual. O resultado é a fragmentação em relação à função social da língua. Pois ela é a primeira modalidade em que os estudantes se deparam na escola, e o pior, ou quem sabe melhor, a primeira que o elevará socialmente.

TEXTO: PONTO DE PARTIDA DE QUALQUER ATIVIDADE

Para que a sociedade tenha melhores leitores e produtores é preciso que a aula direcionada aos alunos tenha foco no letramento, partindo sempre da investigação leitora, do compromisso com a compreensão, não com a norma. Para tanto, a formação dos professores de língua materna, os quais atuam como agente de letramento é primordial. Não é objetivo nessa reflexão discutir apenas os problemas externos (grade curricular, situação governamental) que interferem na docência do professor, mas explicitar que os estudos contínuos em relação aos aspectos da língua dependem da vontade do professor. É uma atitude de fruição, a qual depende dele. De acordo com Irandé Antunes,

“É preciso reprogramar a mente de professores, pais e alunos em geral, para enxergarmos na língua muito mais elementos do que simplesmente erros e acertos de gramática e de sua terminologia. De fato, qualquer coisa que foge um pouco do uso mais ou menos estipulado é vista como erro. As mudanças não são percebidas como mudanças, são percebidas como erros.” (ANTUNES, 2007 p. 23).

Nesse sentido, encontra-se explícita a ideia de que a causa por uma aula de linguagem interativa e não dominadora deve partir de todos. Bagno (2005) diz que é necessário que os estudantes de letras, futuros professores de língua, conheçam profundamente a tradição gramatical e suas respectivas críticas feitas pelas diversas correntes da linguística moderna, e que esse tem que receber uma sólida formação científica. Além disso, para o autor, o conhecimento da teoria da gramática tradicional, das teorias linguísticas e das metodologias deve compor também a formação desse professor.

Contudo esse conhecimento não deve ser repetido para o estudante do fundamental, só se, como diz Bagno (1999), o objetivo do ensino de língua materna, na educação básica, seja formar professores de português ou poetas e não competentes usuários da língua.

Rajagopalan (2003) afirma que por não ser mensurável, não há como ensinar ou aprender o conhecimento prático; ele só pode ser adquirido através do contato contínuo, isto é, se praticado por um longo período. Pode-se considerar que um falante só dominará a língua padrão se colocado em contato contínuo com esta. Observa-se, no entanto, que o ambiente sócio-econômico-cultural da maioria dos falantes não proporciona esse contato, dificultando esse conhecer, restando apenas a sala de aula para se ter acesso a textos clássicos, literários, científicos, dentre outros, sendo que, para o falante do “brasileiro” fazer uso contínuo do português padrão é necessário que este

seja praticado e vivenciado diariamente e não que este seja “repassado” em forma de regras a serem “decoradas” em aulas diárias de 50 minutos ou até mesmo de 1h.

Ao preparar uma aula o professor deve, (ANTUNES, 2007) planejá-la com base na situação do ensino e aprendizagem e relacionar essa aos objetivos de ensino, ao conteúdo e às estratégias pedagógicas, possibilitando assim o envolvimento dos alunos em atividades que o levem a aprender os conteúdos do currículo. Para ela a gramática existe não em função de si mesma, mas em função do que as pessoas falam, ouvem, lêem e escrevem nas práticas sociais de uso da língua. Irandé em suas reflexões ressalta

“Só haverá o desenvolvimento completo da competência comunicativa e leitora, se essa for iniciada por meio da influência do educador que colocará o educando em contato com a diversidade textual existente na sociedade, através de uma mediação pedagógica adequada e se esse educador possui uma prática leitora.” (ANTUNES, 2007 p.65).

Desta forma, falar de aprendizagem abre um leque grande de possibilidades, uma vez que trata-se de uma temática complexa a qual os teóricos já se debruçaram, mas que até hoje precisa-se de reflexão e debate continuamente. É preciso que os professores de língua portuguesa e dirigentes educacionais se unam em prol de pesquisas e formação continuada, onde a linguagem seja o ponto de partida para a melhora da prática pedagógica de sala de aula; uma vez que, para se falar de língua materna é necessário falar da formação desse educador, um agente de letramento (SOARES 2006), o qual assume papel primordial no processo de uso da língua materna, o perfil desse falante perpassa pelo seu formador, que também é um falante.

A formação continuada, por meio da reflexão ajuda professores e dirigentes educacionais a propiciarem profissionais mais capacitados e aulas de linguagem mais vivas, onde o aluno seja motivado a estudar sua língua mãe de forma prazerosa, pois “a principal meta da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, não simplesmente repetir o que outras gerações já fizeram. Homens que sejam criadores, inventores, descobridores” (PIAGET, 1995, p. 98). Para tanto é preciso criar condições de aprendizagem, espaços onde professores e alunos construam suas identidades com o desenvolvimento de habilidades pessoais e profissionais. No contexto atual onde a tecnologia midiática invade a vida das pessoas e todos os espaços da sociedade, o ato de educar também está relacionado ao uso de suportes tecnológicos. Daí a urgência de uma mudança de atitude quanto ao ensino de “língua portuguesa” no interior das salas de aulas.

A ação do professor deve estar centrada no acompanhamento e na gestão das aprendizagens: o incitamento à troca de saberes, a mediação relacional e simbólica, a pilotagem personalizada dos percursos de aprendizagem, enfim, na abordagem

instigadora dos conteúdos inevitáveis que estão na grade curricular de qualquer escola. Sabe-se que essa Grade Curricular, na maioria das vezes, faz do professor um mero reprodutor de conteúdos, que em muitos casos, não há significado ou relação nenhuma com a vida dos alunos.

Nesse sentido o professor deve mudar sua forma de pensar e agir quando o assunto é o ensino da língua materna em sala de aula, pois existe uma grande tendência à repetição. O professor precisa ser um pesquisador permanente, que busca novas formas de ensinar e apoiar alunos em seu processo de aprendizagem, visto que a língua é viva, precisa ser cotidianamente refletida e analisada pelos agentes que a usam, no caso, os alunos, professores, acadêmicos, estudiosos, escritores e toda sociedade que esteja ligada direta ou indiretamente ao ato linguístico. Irandé Antunes (2003) expressa bem sua adversidade quanto ao ritual presente e expressos nas lousas escolares brasileiras afirmando que

“O grande equívoco em torno do ensino da língua tem sido o de acreditar que, ensinando análise sintática, ensinando nomenclatura gramatical, conseguimos deixar os alunos suficientemente competentes para ler e escrever textos, conforme as diversificadas situações sociais”. (ANTUNES, 2003 p. 46)

“O equívoco”, como diz a autora submete e priva crianças, jovens e adultos de conhecerem o gosto e o sabor das palavras, frases e textos. A postulada aula de linguagem atual, ainda é pautada em uma sociedade colonial, dominada politicamente e religiosamente. Ela não serve para o mundo pós-moderno, do conhecimento, da tecnologia, enfim da informação instantânea. O professor de língua portuguesa que está em sala de aula nos dias atuais, mesmo que tenha uma visão mais normativa, precisa propiciar aos seus alunos um estudo reflexivo da língua. Isso significa que o seu trabalho deve ser voltado para o uso do texto como ponto de partida de qualquer atividade. Nesse sentido, as diversidades de gêneros textuais farão parte desse contato intimista com o texto. Cabe ao professor visualizar a língua acontecendo em seu país, estado, cidade, bairro, enfim, em seu cotidiano. Para tanto, é preciso que ele crie em seu espaço pedagógico um ambiente que propicie a análise e estudos dos gêneros que circulam no em seu meio social.

A sociedade atual vive um momento impar de convergência tecnológica sem precedentes, e a escola, em especial o campo da “linguagem”, como parte deste contexto não pode ficar imune às transformações sociais, com vista no desenvolvimento em todas as dimensões dos educandos. Nesse sentido, promover e desenvolver as habilidades de leitura de forma lúdica e prazerosa é primordial. E este deve ser o foco do ensino da

língua materna ensinada no interior da sala de aula, onde objetive a função social da língua na vida de todo indivíduo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo ora apresentado buscou subsídios teóricos para demonstrar que a aprendizagem ocorre quando o conhecimento se apresenta de forma prazerosa para os alunos, que eles aprendem com a interação com o meio, com os outros e com o mundo. Nessa perspectiva de aprendizagem é preciso a ação reflexiva não só dos educadores responsáveis pela linguagem, mas primordialmente dos dirigentes educacionais. Portanto é preciso utilizar recursos para otimizar a aprendizagem.

Para tanto é fundamental frisar a necessidade da formação continuada dos professores de linguagem, primando sempre por uma melhora contínua das práticas metodológicas dos educadores na ministração de suas aulas. Onde as diversidades de gêneros textuais possam ser explorados nos mais diversos canais suporte: tv, data show, lousa, jornal, internet e etc. Os alunos precisam sentir e dialogar com as diversidades de gêneros textuais, sem medo, sem pressão, apenas com gosto de ler e escrever. Dessa forma instigadora e libertadora, os professores em constante formação, causará no interior da sala de aula, mudanças significativas na vida dos estudantes, uma vez que são usuários da língua portuguesa e não terão dificuldades de usá-la, via um trabalho voltado às diversidades textuais, nas mais diversas situações de interação sócio linguística.

A análise aponta que é necessário uma melhora na estrutura pedagógica e administrativa da formação continuada em serviço dos docentes responsáveis pela língua portuguesa. Outra observação inerente ao trabalho docente em sala de aula; os professores de língua materna que utilizam o texto como norte e recursos educacionais interativos tem resultados satisfatórios em qualquer fase, e o melhor, os alunos permanecem na sala com participação ativa. Isso revela que a formação contínua deve ser o foco deste profissional, o qual é agente de letramento. Reitera-se, esse professor que busca embasamento teórico a cerca da língua; é questionador, pensa, reflete, levanta hipóteses e reinventa sua prática.

REFERÊNCIAS

BAGNO, M.; STUBBS, M. & GAGNÉ, G. **Língua materna: variação & ensino**. São Paulo. 3ª ed. Parábola. 2005.

BAGNO, M. **Preconceito lingüístico: o que é, como se faz**. São Paulo, Loyola, 1999.

GERALDI, Wanderley. **O texto na sala de aula**. São Paulo. Cortez, 1.982

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003-(Série Aula;1).

ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. (Estratégias de ensino;5).

SILVA, Rosa Virgínia Matos e. **O Português são dois...** São Paulo. Parábola. 2004.

PIAGET, J. **Abstração reflexionante: relações lógico-aritméticas e ordem das relações espaciais**. Porto Alegre: ArtMed, 1995.

RAJAGOPALAN. Kanavillil. **Por uma lingüística crítica – linguagem, identidade e a questão ética**. São Paulo. Parábola. 2003.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte. Autêntica/CEALE. 2006.

Notas:

ⁱ Mestrando em Letras, Literatura e Crítica Literária – Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Professor da Educação Básica da Secretaria Estadual de Educação – SEDUC/TO, Graduado em Letras com pós-graduação em Literatura – deleynet@hotmail.com.